

Filósofo e Filosofia nas Luzes francesas

Philosophe et Philosophie dans les Lumières françaises

Vladimir de Oliva Mota*

Resumo: O que aqui se pretende é indicar a ideia geral do que se compreende por filosofia e filósofo nas Luzes francesas, a saber: nessa época, filosofia e filósofo têm a pretensão de se dar a tarefa de organizadores da vida social, de aperfeiçoamento dos costumes, como meio de atingir a porção de felicidade que cabe à humanidade. Para tal, serão analisados textos centrais acerca do tema e da época em tela: *Le philosophe*, atribuído a Dumarsais, os verbetes “Filósofo” e “Filosofia” de Diderot na *Encyclopédia* e alguns textos de Voltaire, em especial o seu *Dicionário filosófico*.

Palavras-chave: Filosofia, filósofo, Luzes

Résumé: Il s'agit ici d'indiquer l'idée générale de ce que nous comprenons par la philosophie et le philosophe des Lumières: à cet époque la philosophie et le philosophe ont la prétention de se donner la tâche d'organiser la vie sociale, de perfectionner les mœurs, d'atteindre à la portion de bonheur qui appartient à l'humanité. Pour cela, nous analyserons des textes centraux sur le thème aux Lumières: *Le philosophe* de Dumarsais, les articles “Philosophe” et “Philosophie” de Diderot dans *l'Encyclopédie* et quelques textes de Voltaire, notamment son *Dictionnaire philosophique*.

Mots-clés : Philosophie, philosophe, Lumières

A pretensão de dar um uso, um lugar e uma tarefas à filosofia – possibilitando às Luzes um caráter que as distingue da tradição que lhes antecede – é justificada por esse movimento na medida em que essa pretensão reintegra à filosofia seus direitos originais, restabelecendo suas exigências primeiras, seu sentido clássico. Que sentido é esse? Responde Cassirer:

Desconhece-se [...] o sentido dessa filosofia se se acredita poder considerá-la – e executá-la – como simples “filosofia de reflexão”. [...] O movimento profundo, o esforço principal da filosofia do Iluminismo não se limitam, com efeito, a acompanhar a vida e a contemplá-la no espelho da reflexão. Pelo contrário, ela acredita na espontaneidade originária do pensamento e, longe de restringi-lo à tarefa de comentar *a posteriori* e de refletir, reconhece-lhe o poder e o papel de organizar a vida.¹

* Doutor em Filosofia/USP. Professor do Curso de Artes Visuais/UFS, Aracaju, SE, Brasil. Contato: deolivamota@hotmail.com

¹ CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*, p. 11.

Trata-se de uma proposta de filosofia ligada à modificação do mundo para melhor. A definição de filósofo no século XVIII implica, segundo Roland Mortier², de uma só vez, um estilo de pensar, uma atitude civil, um modo de ação, além de uma liberdade completa a respeito das ideias recebidas. Ambição própria da razão ilustrada é, como indica Luiz Roberto Salinas Fortes, propor-se como instrumento soberano de conhecimento e, “ao mesmo tempo, como instância suprema incumbida de reger os destinos históricos dos homens e conduzir à sua emancipação diante dos preconceitos do passado, assim como dirigir e organizar a vida em sociedade”.³

Quanto à ideia de filósofo das Luzes, segundo Jochen Schloboach⁴, essa noção exprime uma tomada de consciência daqueles que marcam o pensamento e as lutas ideológicas de sua época. Filósofo pode ser representado pela seguinte ideia: homem esclarecido que se serve de sua própria razão e age em consequência.

A noção de filósofo própria das Luzes alcança o grande público inicialmente a partir de um ensaio de Dumarsais⁵ intitulado *Le philosophe*, de 1743. Esse texto ganha um importante valor simbólico e programático porque, apesar de não estabelecer um sistema de pensamento, descreve um modelo, um espírito filosófico: o filósofo é definido como uma máquina que medita sobre seus próprios movimentos; em oposição à graça do religioso, o filósofo é determinado à ação pela razão; seu conhecimento deriva dos sentidos e, por isso, é prudente ao julgar, sabendo distinguir o verdadeiro do verossímil e do incerto; adota uma orientação essencial, a saber: estar ligado à vida real, abandonando as vãs especulações; sua moral tem uma justificativa puramente social; sem fundamento religioso algum no âmbito político, adota a sofocracia, isto é, um príncipe esclarecido possibilitaria uma sociedade justa, construída no espírito das Luzes; finalmente, deve ter como atividade social sua escrita e um espírito cultivado.

A aparição da *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1751-1780), apesar de todas as resistências e interdições sofridas, representa a implementação definitiva desse espírito filosófico diante da opinião pública. Pois essa opinião pública é exatamente o alvo da atividade

² Cf. MORTIER, Roland. *Préface: Voltaire et la philosophie. Réflexions sur un tricentenaire (1696-1994)*, p. 5.

³ FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*, p. 20.

⁴ Cf. SCHLOBACH, Jochen. *Philosophe*.

⁵ Não há um consenso entre os estudiosos das Luzes francesas quanto à autoria desse texto. Alguns filósofos atribuem essa obra a César Chesneau Dumarsais, como é o caso do próprio Voltaire, como se verá mais à frente.

social bem sucedida do filósofo das Luzes. Prova disso é a confiança de Voltaire no sucesso do trabalho da escrita filosófica desse período em relação à opinião pública. Em carta a d'Alembert, de 08 de julho de 1765, diz: “Protestam-se muito contra os filósofos, tem-se razão, pois, se a opinião pública é a rainha do mundo, os filósofos governam essa rainha”.

No verbete “Filósofo” da *Encyclopédia*, Diderot pretende ter uma ideia mais justa do filósofo, listando as características que lhe aplica. Essas características seguem o modelo estabelecido pelo *Le philosophe*, pois, como se pode perceber, reproduz em parte esse espírito filosófico; na verdade, não é apenas o espírito que é reproduzido, mas o próprio texto de *Le philosophe* é transcrito no verbete diderotiano, embora não sem nuances e, conforme prometeu, com mais organização e precisão. Diz o enciclopedista ao descrever o filósofo: aquele que discerne as Causas que o movem, tanto as externas quanto as internas; é determinado pela razão, diferente do cristão que é determinado pela graça; mesmo em suas paixões, não age sem reflexão; elabora seus princípios a partir de observações particulares, não confunde verdade com verossimilhança e, não tendo motivo para julgar, sabe se manter na indeterminação; possui juízo e precisão de entendimento além de flexibilidade e clareza; possui um espírito de observação; não se crê exilado do mundo; é cioso de tudo o que se chama honra e probidade; age por um espírito de ordem e de razão e está repleto de ideias para o bem da sociedade⁶.

Quanto ao verbete “Filosofia” da *Encyclopédia*, neste, Diderot indica inicialmente dois objetivos: retrazar historicamente a origem e as diferentes acepções do termo filosofia e fixar seu sentido e sua definição⁷. Após brevíssimo histórico do termo, o autor conclui que “o nome filosofia permaneceu sempre vago”⁸. Em seguida, inicia-se a discussão acerca do sentido e da definição de filosofia. Diderot expressa-se claramente e diz:

Filosofia é dar a razão das coisas ou, ao menos, procurá-la, [...] aquele que se entrega à descoberta dos motivos pelos quais as coisas são, e são antes assim mesmo do que de outra maneira, este é o filósofo propriamente dito⁹.

⁶ DIDEROT, Denis. *Filósofo*, pp. 54-59.

⁷ DIDEROT, Denis. *Filosofia*, p. 39.

⁸ *Ibid.*, p. 43.

⁹ *Ibid.*, p. 45.

Diderot confessa extrair de Christian Wolff a precisão do termo porque o filósofo alemão concentra tudo o que caracteriza a filosofia ao defini-la como “a ciência dos possíveis enquanto possíveis”. Diderot explica: por que ciência? Porque demonstra o que afirma. Por que ciência dos possíveis? Porque seu objetivo é fornecer a razão de tudo o que é “e de tudo o que pode ser nas coisas que acontecem”¹⁰. A filosofia procura assinalar a razão que determina algo ser ou não ser. Explica o enciclopedista:

Os possíveis compreendem todos os objetos que podem ocupar o espírito ou a indústria dos homens – assim, todas as ciências e todas as artes têm sua “filosofia”. A coisa é clara: tudo o que se faz em jurisprudência, em medicina, em política, tem ou deve ter uma razão. Descobrir estas razões e determiná-las é, pois, elaborar a filosofia das ciências mencionadas¹¹.

De acordo com esse raciocínio, a função do filósofo, pensa Diderot, é a de descobrir a razão das coisas: o filósofo deve ser capaz de provar que as coisas são como devem ser, ou retificá-las quando suscetíveis; nesse caso, deve apontar as razões das mudanças que deseja aplicar nas coisas. Nessa direção, Diderot aponta três objetos da filosofia, a saber: a “Teologia natural”, isto é, a ciência dos possíveis relativamente a Deus; a “Psicologia”, que diz respeito aos possíveis com relação à alma e, finalmente, a “Física”, isto é, a ciência dos possíveis relacionados ao corpo. Continuando sua descrição da filosofia, o autor explica que existem dois ramos: a filosofia teórica e a filosofia prática. A teórica, diz Diderot, “repousa na pura e simples contemplação das coisas, e não vai além”¹²; quanto à prática, ela fornece regras para atuar sobre o seu objeto. A filosofia prática é de dois tipos, relativos às duas espécies de ações humanas, são elas: a Lógica, que dirige as operações do entendimento, e a Moral, que dirige as operações da vontade. “As demais partes da filosofia são puramente especulativas”¹³. Para Diderot, o objetivo da filosofia é a certeza na investigação dos seus objetos, e de acordo com cada ramo, todos os passos do filósofo para isso se encaminham e o método de tal procedimento é a demonstração. Ao fim do verbete “Filosofia”, Diderot retoma a descrição do espírito filosófico que se encontra em parte no *Le philosophe*. Para o enciclopedista, as características do filósofo o distinguem do homem vulgar, pois o filósofo nada admite sem prova; não concorda com noções enganadoras; sabe estabelecer

¹⁰ *Ibid.*, p. 45.

¹¹ *Ibid.*, p. 46.

¹² *Ibid.*, p. 48.

¹³ *Ibid.*, p. 49.

limites entre o certo, o provável e o duvidoso; não se satisfaz só com palavras e, por fim, não explica nada por qualidades ocultas. Ser filósofo é, portanto, possuir princípios sólidos, ter um método para dar as razões dos fatos e tirar daí consequências legítimas¹⁴. Pierre Lepape assim resume, de maneira geral, a concepção diderotiana de filosofia e de filósofo:

A virtude, a felicidade, as leis naturais e aquelas leis sociais, eis os quatro pontos cardiais em torno dos quais ele [Diderot] orientará durante toda a sua vida o seu trabalho filosófico. Todas as especulações metafísicas toda atividade científica, todas as aquisições do saber, todas as reflexões sobre a arte e sobre a beleza não são nada se elas não conduzem a alimentar e a fazer progredir a moral, inseparável daquela da felicidade dos homens. A importância da função filosófica se mede de acordo com a extensão de sua utilidade social, função evidentemente e eminentemente política – no sentido mais largo – que vai inspirar todo o pensamento das Luzes e acompanhar as peripécias de uma verdadeira revolução cultural¹⁵.

A definição de filósofo e filosofia constantes na *Encyclopédie* e, antes, no *Le philosophe*, embora não permitindo identificar as nuances próprias a cada autor das Luzes francesas, dá, ao menos, uma ideia geral do que se compreendia por esses termos à época. Evidentemente, refere-se aqui ao conceito de filósofo e de filosofia dos pensadores setecentistas franceses, entre eles Voltaire, que romperam tanto com a tradição da escola quanto, em certa medida, com o século anterior. Assim, salvaguardando a multiplicidade de perspectiva dentro do próprio movimento das Luzes, que se encontra longe de ser homogêneo quanto aos princípios e aos métodos dos filósofos que o compõem, é possível identificar, contudo, um padrão, um espírito da filosofia, a saber: nas palavras de Lothar Kreimendahl, “[...] um postulado moral que o ser humano dirige, inicialmente, sobre si mesmo na busca de autoiluminação e, depois, sobre os outros, como iluminação de estranhos”¹⁶, ou como assegura Sergio Paulo Rouanet, “[...] uma atitude racional e crítica. Ela combate o mito e o poder, usando a razão como instrumento de dissolução do existente e de construção de uma nova realidade”¹⁷.

¹⁴ *Ibid.*, p. 50.

¹⁵ LEPAPE, Pierre. *Diderot*, p. 52.

¹⁶ KREIMENDAHL, Lothar. *Introdução*, p. 9.

¹⁷ ROUANET, Sergio Paulo. *O olhar iluminista*, p. 125. É sabido que a perspectiva desse intérprete tem como consequência a dissociação da ideia de Luzes ou Ilustração com a filosofia, ou seja, Rouanet pressupõe a separação entre o conceito de Luzes ou Ilustração e o de Iluminismo. Este designaria uma tendência transtemporal, isto é, que não se limita a nenhum período específico e cuja explicação encontra-se na passagem acima citada. Quanto à Ilustração, este termo indicaria um movimento de ideias que se aglutinou no século XVIII em torno de filósofos enciclopedistas. Aqui se adota a ideia segunda a qual Luzes ou Ilustração equivalem-se a Iluminismo, pois Luzes/Ilustração e Iluminismo designam a um só

Voltaire não irá se afastar das características gerais do espírito da filosofia e do filósofo traçadas em *Le philosophe* e reproduzidas na *Encyclopédia*. Essas características estão presentes na obra voltairiana tomada em seu conjunto. Essa filiação é comprovada quando Voltaire chega mesmo a publicar, em anexo à sua peça *Lois de Minos*, em 1773, um texto intitulado *Le philosophe, par M. Dumarsais*. Como já havia feito em 1763, com o *Extrait des sentiments de Jean Meslier*, Voltaire comporta-se como editor de uma obra clandestina e não se limita a reproduzir fielmente o texto original, mas o reescreve em parte, como indica Roland Desné, “eliminando as repetições e as digressões, evitando as faltas de habilidade, os pesos e os termos técnicos, corrigindo o estilo, operando rupturas e introduzindo adições”¹⁸. No texto editado por Voltaire, os ataques antirreligiosos são atenuados¹⁹, a separação entre verdade e verossimilhança é ignorada²⁰; o sensualismo dogmático e o ateísmo são afastados em nome de um deísmo moderado²¹; e uma longa passagem sobre a origem empírica do conhecimento e a consequente limitação ao saber que essa origem estabelece é acrescentada.

Voltaire não traiu Dumarsais em dois pontos essenciais, a saber: por um lado, o filósofo age pelo exercício individual e livre da razão, comportando-se como cidadão responsável e útil; por outro, o filósofo é apresentado como o ideal humano, isto é, ser

tempo um movimento intelectual e a filosofia; as Luzes/Ilustração ou Iluminismo podem ser tomados num sentido histórico, designando uma determinada época, como um conceito que designa uma perspectiva do espírito da filosofia e do filósofo, de sua atividade.

¹⁸ DESNÉ, Roland. *Philosophe par M. Du Marsay (Le)*, p. 938.

¹⁹ Um exemplo da tentativa de Voltaire atenuar os ataques antirreligiosos é a supressão da seguinte passagem que consta no texto da *Encyclopédia* e não consta no texto *Le philosophe, par M. Dumarsais*: “[os filósofos] ousaram revirar os limites sagrados postos pela religião e quebraram os entraves nos quais a fé introduzia suas razões. Orgulhosos de se terem desfeitos dos preconceitos da educação, em matéria de fé, olham os outros com desprezo, como almas fracas, temperamentos servis, espíritos pusilânimes que se deixam amedrontar pelas consequências aonde a religião conduz e que, não ousando sair em nenhum momento do círculo de verdades estabelecidas, nem caminhar em vias novas, adormecem sob o julgo da superstição”. (DIDEROT, Denis. *Filósofo*, p. 54). Voltaire reconhece a religião como um elemento necessário ao aperfeiçoamento moral do homem; assim, um extrato tão violentamente antirreligioso, como o transcrito aqui, não poderia passar pelo olhar censor do editor Voltaire.

²⁰ “Contenta-se [o filósofo] em poder discerni-la [a verdade] lá onde a percebe. Não a confunde com a verossimilhança. Toma por verdade o que é verdade, o que é falso por falso, o que é duvidoso por duvidoso e por verossímil o que não é senão verossímil. E faz mais, estando aí a grande perfeição do filósofo: não tendo motivo próprio para julgar, sabe permanecer na indeterminação” (DIDEROT, Denis. *Filósofo*, p. 55). Essa passagem do verbete “Filósofo” da *Encyclopédia* também é suprimida por Voltaire. Embora compreenda a diferença entre verdade e verossimilhança, esta tem um papel importante no pensamento voltairiano porque a verossimilhança evita a ilusão da verdade em searas que não cabem à demonstração, evitando, assim, o dogmatismo e o ceticismo, deixando aberta a via ao diálogo e à investigação. Essa passagem da *Encyclopédia* atentaria contra a consistência de sua obra, sendo, portanto, extraída.

²¹ Ao tratar da moralidade própria ao filósofo, o referido verbete diz: “[o filósofo] não se entrega a ações contrárias à probidade. Não. Tais ações não são adequadas à disposição mecânica de um sábio, pois é alimentado com o fermento da ordem e da regra”. (DIDEROT, Denis. *Filósofo*, p. 57). Embora compartilhe da associação entre filósofo e ação moral, essa passagem não faz referência ao fundamento divino da moral humana tão caro a Voltaire, a referência exclusiva à mecânica de um sábio não condiz com a exigência, explícita por Voltaire em numerosas obras, de uma lei moral no homem como dada por Deus.

filósofo é se conformar à certa ideia de homem. O que isso quer dizer? Trata-se de adotar e manter uma atitude, seguir uma máxima moral, independente da posição social em que se mantém ou do meio no qual se exerce. É-se filósofo pela virtude. Em carta a Damilaville, de 1º de março de 1765, Voltaire faz algumas indicações do que é o verdadeiro filósofo, que correspondem ao expresso em *Le philosophe*:

Eu sei com que furor o fanatismo se levanta contra a filosofia. Ela tem duas filhas que ele gostaria de fazer perecer como o fez com Calas, são a *Verdade* e a *Tolerância*; enquanto que a filosofia apenas deseja desarmar as filhas do fanatismo, a *Mentira* e a *Perseguição*. Homens que não raciocinam quiseram descreditar aqueles que raciocinam: eles confundiram o filósofo com o sofista; enganaram-se bastante. O verdadeiro filósofo pode algumas vezes irritar-se contra a calúnia que o persegue [...]; mas ele não conhece nem as cabalas, nem as surdas práticas, nem a vingança. [...] O verdadeiro filósofo limpa os campos incultos, aumenta o número dos arados e, por consequência, dos habitantes; ocupa o pobre e o enriquece; encoraja os casamentos, acolhe o órfão; não murmura contra os impostos necessários e coloca o cultivador em condições de pagá-lo com alegria. Ele não espera nada dos homens e lhes faz todo o bem do qual é capaz. Considera o hipócrita com horror, mas lamenta o supersticioso; enfim, ele sabe ser amigo.

A associação entre a atividade do filósofo e a ação moral é, na medida das possibilidades humanas, inseparável. Em diversas obras, Voltaire insistiu em descrever os benefícios sociais resultantes do seu trabalho de filósofo. Na *Épître à Horace*, de 1772, o filósofo defende-se da acusação de que seu recolhimento em Ferney e sua idade avançada, ou seja, sua aposentadoria provocaria o mal do tédio. A essa acusação, o filósofo responde que “a aposentadoria pesa para quem não sabe fazer nada”²². Aos setenta e oito anos, Voltaire faz um balanço de sua vida e, pronunciando a célebre frase, confessa: “Eu fiz um pouco de bem, essa é minha melhor obra”²³. A obra de um espírito filosófico.

Quanto ao verbete “Filósofo” do *Dicionário filosófico*, ao buscar alguma definição mais ou menos precisa, tal qual elaborara Diderot, o leitor se frustra. Nesse verbete, Voltaire inicia uma descrição das características do filósofo, dizendo que este é um amante da verdade; alguém que zela pela virtude e cuja maior preocupação é com os problemas morais; que não é um entusiasta e, por isso, não se diz inspirado pelos deuses. Nas primeiras linhas, Voltaire ressalta o duplo caráter do filósofo, de um lado, um

²² VOLTAIRE. *Épître à Horace*. In: _____. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

²³ *Ibid.*.

exemplo de virtude; de outro, alguém sempre pronto a dar lições de verdades morais: “Filósofo, *amante da sabedoria*, isto é, da *verdade*. Todos os filósofos tiveram esse duplo caráter, não houve nenhum na Antiguidade que não tenha dado exemplos de virtude aos homens e lições de verdades morais”²⁴. Porém, esse é o único aspecto que o autor explicita, pois, como de hábito, quando se exige mais elementos à construção da ideia de filósofo, Voltaire tergiversa, e põe em ação o seu combate, passando a maior parte do texto a defender a ideia de um moral universal e a lutar contra a perseguição histórica aos filósofos, concluindo por conclamar estes a tentar compreender por que há hipócritas maldosos na religião na França.

No verbete “Filosofia” do mesmo *Dicionário*, Voltaire retoma seu combate contra a perseguição sofrida historicamente pela filosofia, expondo a razão dessa perseguição com o seguinte argumento: “Os cães aos quais se oferece um alimento de que não gostam, mordem”. Em seguida, indica a utilidade da filosofia exatamente nesse combate à bárbara perseguição. Depois, aponta a mistura entre religião e filosofia como uma das maiores desgraças e uma das coisas mais ridículas do gênero humano²⁵, esse tema ocupa duas das quatro seções em que o autor divide esse verbete; na última seção, Voltaire busca expor as asserções dos filósofos antigos, fazendo o que ele chamou de uma aproximação e combinação dos seus sistemas, o que resulta nas ideias que levam a provas da existência de Deus e da liberdade. Ou seja, essas são as ideias que interessam a Voltaire adotar e divulgar porque representam uma síntese de parte do conteúdo de sua própria filosofia.

Ao tratar da ideia de filósofo e de filosofia no *Dicionário*, é imprescindível recorrer ao verbete “Letras, homens de letras, ou letrados” porque nele encontra-se importante indicação do fim da atividade do filósofo. Nesse verbete, Voltaire refere-se inicialmente aos homens de letras, aos verdadeiros sábios que, mesmo fora das academias, prestaram serviços ao pequeno número de seres pensantes espalhados pelo mundo e, por isso, foram quase todos perseguidos. Como é possível perceber, Voltaire continua seu combate, presente em outros verbetes, às perseguições sofridas por quem ousa pensar e fazer pensar. A explicação para tal perseguição também se repete, diz o filósofo: “Nossa miserável espécie é de tal maneira feita que aqueles que seguem em um caminho já batido sempre lançam pedras nos que ensinam um novo caminho”. Assim,

²⁴ VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*, In: _____. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

²⁵ O tema da separação entre religião tradicional e filosofia é recorrente em Voltaire, a esse respeito, ver: Carta treze das *Cartas filosóficas* e o Capítulo VII de *O filósofo ignorante*.

aquele que pretende instruir os homens será esmagado. A indignação de Voltaire aumenta ao perceber que o homem de letras está só no mundo, pois o conflito que vive não é apenas contra os fanatizados e poderosos, mas entre eles mesmos. Essa situação aflitiva leva o filósofo a comparar o homem de letras a peixes voadores: “se sai da água um pouco, os pássaros o devoram; se mergulha, os outros peixes o comem”.

O homem de letras é um homem público e todo homem público, explica Voltaire, paga tributos à malignidade. Porém, o homem de letras difere dos outros homens públicos pela seguinte razão: embora a maldade atinja a todo homem público, a maioria recebe dinheiro e honras como ressarcimento; já o homem de letras, pagante do mesmo tributo, nada recebe, enfrenta a luta, vai ao combate por satisfação. Sentencia Voltaire: “O homem de letras [...] desceu por próprio prazer na arena, ele mesmo se condenou às feras”.

Assim, em textos nos quais Voltaire se propõe explicitar diretamente a noção de filósofo e de filosofia, ele evidencia, na verdade, o vínculo desses termos com a ideia de luta, ou seja, a filosofia e o filósofo são definidos pela sua função: o combate! Essa perspectiva da noção de um termo é indicada pelo próprio Voltaire. No verbete “Literatura” do mesmo *Dicionário*, ele afirma que em termos tão vagos, como é o caso de “literatura” e de “filosofia”, “a acepção precisa não é determinada em nenhuma língua senão pelos objetos aos quais eles são aplicados”. Nessa direção, uma via à compreensão da noção de filosofia e filósofo em Voltaire é associá-la à ideia de combate.

Ao identificar as Luzes como um postulado moral que dirige o mundo, que pretende organizar a sociedade, etc., os autores das Luzes pretendiam influenciar os costumes e poucas vezes na história se percebeu tamanho êxito.

Referências Bibliográficas

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. 3ed. Tradução Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

DESNÉ, Roland. “Philosophe par M. Du Marsay (Le)”. In: TROUSSON, Raymond; VERCRUYSSSE, Jeron. (Dir.). *Dictionnaire général de Voltaire*. Paris: Honoré Champion, 2003.

DIDEROT, Denis. “Filósofo”. In: _____. *Obras VI. O enciclopedista: História da filosofia I*. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. “Filosofia”. In: _____. *Obras VI. O enciclopedista: História da filosofia I*. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

KREIMENDAHL, Lothar. “Introdução”. In: _____. (Org). *Filósofos do século XVIII: uma introdução*. Tradução Dankwart Bernsmüller. São Leopoldo: Editora UNISINOS (Coleção História da Filosofia), 2007.

LEPAPE, Pierre. *Diderot*. Paris: Flammarion, 2000.

MORTIER, Roland. “Préface: Voltaire et la philosophie. Réflexions sur un tricentenaire (1696-1994)”. In: MEYER, Michel (Dir.). *Revue internationale de philosophie: Voltaire (1694-1994)*. Bruxelles, Vol. 48, N° 187, mars, 1994.

ROUANET, Sergio Paulo. “O olhar iluminista”. In: NOVAES, Adauto *et al.*. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCHLOBACH, Jochen. “Philosophe”. In: DELON, Michel (Dir.). *Dictionnaire européen des Lumières*. Paris: PUF, 2010.

VOLTAIRE. “Correspondance”. In: _____. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

VOLTAIRE. “Dictionnaire philosophique”. In: _____. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

VOLTAIRE. “Épître à Horace”. In: _____. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

Recebido em: 22/11/2017 – Received in: 22/11/2017

Aprovado em: 20/12/2017 – Approved in: 12/20/2017